

---

## Onde estão os criadores negros na televisão americana? Panorama contemporâneo das séries criadas por negros e negras nos Estados Unidos<sup>1</sup>

Bárbara CAMIRIM<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, RJ

### RESUMO

O artigo visa elaborar um panorama contemporâneo das séries criadas por pessoas negras nos EUA. Visto que as séries televisivas norte-americanas disputam imaginários sociais e que têm alcançado grande circulação, o que se reflete inclusive na produção acadêmica no Brasil, consideramos importante questionar quem está criando estas obras. A partir de uma metodologia que se baseia nas premiações *Emmy* e *NAACP Image Awards*, catalogamos 38 obras criadas por pessoas negras em circulação entre 2010 e 2020, observando também para que distribuidoras estão sendo produzidas e em que gênero narrativo se inscrevem. Apresentamos em seguida uma discussão relacionando nossos resultados com as reconfigurações da indústria, ao padrão de visibilidade/invisibilidade das produções negras e ao confinamento da produção em um só gênero.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ficção Seriada; Televisão Americana, Representação Racial; Criadores Negros; Economia da Visibilidade.

### Introdução

Em meados de 2020, uma onda de protestos se sucedeu em diversas cidades dos Estados Unidos, em decorrência do assassinato de George Floyd, um homem negro, por um policial branco, em Minnesota. Neste mesmo período, um relatório da empresa de análise de mídia Parrot Analytics (HERSKO, 2020) percebeu o aumento na busca por narrativas centradas em questões raciais, como *Dear White People* (Netflix, 2017-atual) e *When they see us* (Netflix, 2019); a plataforma de *streaming* Netflix criou a categoria Black Lives Matter, agrupando mais de 40 títulos de seu catálogo criados por artistas negros (SHARF, 2020); e a rede de *broadcast* ABC programou a reprise de dois episódios de *Black-ish* (ABC, 2014-atual) centrados na discussão sobre violência policial e a história dos negros nos Estados Unidos (ANDREEVA, 2020). Como se pode perceber, as narrativas audiovisuais ocupam um importante espaço de construção e disputa de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), e-mail: camirim.barbara@gmail.com

---

imaginários na sociedade e as indústrias de mídia afetam e são afetadas por acontecimentos sociais.

No contexto atual, destacamos a relevância das ficções seriadas estadunidenses, que se encontram em um momento de abundância de produção, fenômeno nomeado pela imprensa como *peak TV*, que “se traduz especialmente na pluralidade e na quantidade da oferta de séries nos anos recentes” (BIANCHINI, 2018, p. 156). A circulação destas séries não se limita ao país de sua produção e, em um cenário tecnológico contemporâneo que se configura em torno do digital e da internet, é possível observar inclusive a emergência de uma cultura das séries (SILVA, 2014), como resultado de novas dinâmicas espectatoriais em torno das séries televisivas, principalmente (embora não exclusivamente) as provenientes dos Estados Unidos. Pensando o campo de Estudos Televisivos brasileiro, Evangelista (2018) observa ainda que, após mudanças tecnológicas e nas formas de produção e distribuição audiovisual recentes, as análises de telenovelas, antes dominantes, passam a dividir espaço também com “uma cultura de entretenimento baseada em séries de matriz norte-americana” (p. 1).

Dada a importância desta indústria a nível transnacional e sua capacidade de criar e disputar imaginários, afetando não só a audiência comum, como também a própria construção do conhecimento acadêmico, consideramos importante observar quem está criando estas obras. Voltamos nossa atenção para a área da criação e não para a representação por si só, uma vez que buscamos um panorama que vá além da “economia da visibilidade”, que isola a representação de grupos minoritários apenas no que é visível, com empresas investindo na representação destes grupos, sem o mesmo compromisso com a presença de produtores executivos e criadores das comunidades retratadas na narrativa (JEAN-CHRISTIAN, 2019). Isto reflete a “resistência de Hollywood em expandir quem pode dominar e controlar as histórias contadas e a crença da indústria em representação como apenas sobre visibilidade no elenco e em campanhas de marketing que podem criar a marca do canal” (JEAN-CHRISTIAN, 2019, p. 6, tradução nossa<sup>3</sup>).

Hunt (2017) observa a prevalência de pessoas brancas nas salas de roteiristas das séries americanas – mais de 85% na temporada 2016-2017 –, que é ainda maior quando se considera as posições de maior poder de decisão, como os *showrunners* – mais de 90%

---

<sup>3</sup> No original: “Hollywood’s resistance to expanding who gets to own and control storytelling and the industry’s belief in representation as solely about visibility in casting and marketing campaigns that can brand the channel” (JEAN-CHRISTIAN, 2019, p. 6).

na mesma temporada. Apesar disso, é possível observar, desde 2010, acordos de desenvolvimento sendo firmados com criadores que anteriormente eram considerados pouco interessantes, de um ponto de vista mercadológico, pelos executivos de televisão, marcadamente os pertencentes a minorias sociais, incluindo aí os profissionais negros (JEAN-CHRISTIAN, 2019). É esta produção incipiente que nos interessa aqui. Estas obras, ainda que estejam longe de receber o mesmo volume de investimento, são importantes, uma vez que permitem a estes criadores desafiar e substituir imagens externamente criadas – muitas vezes estereotipadas – sobre suas comunidades, por meio de práticas de autodefinição e autoavaliação (COLLINS, 2016), embora não necessariamente obras produzidas, dirigidas ou escritas por pessoas negras se afastem do padrão da cultura dominante (hooks, 2019).

Em busca de ampliar o conhecimento acerca das séries criadas por artistas negros nos Estados Unidos, o objetivo deste artigo é, a partir de uma pesquisa exploratória, traçar um panorama contemporâneo – tendo o ano de 2010 como ponto de partida – que identifique que obras são essas, para onde estão sendo produzidas e com quais gêneros narrativos dialogam.

A escolha por questionar para onde estas séries estão sendo produzidas se deve ao entendimento que no já citado contexto de *peak TV*, com abundância não só de produções, mas também de opções de distribuição, em um ecossistema em que coexistem redes abertas, canais a cabo de planos básicos e *premium* e plataformas de *streaming*, cada um desses mercados tem suas particularidades, relacionadas à forma de financiamento e estratégias de programação e relação com o público, o que influi em quais profissionais serão contratados. Dessa forma, entender em que lugares da indústria estes profissionais têm espaço para atuar é uma forma de entender não só suas obras, mas também o funcionamento da própria indústria em termos de representação racial. Já a escolha de observar o gênero narrativo destas obras se relaciona com a história da representação negra na televisão americana, frequentemente confinada no gênero da *sitcom* (GRAY, 2005). Na impossibilidade de analisar mais profundamente as temáticas e perspectivas destas obras nos limites deste artigo, acreditamos que a identificação do gênero narrativo permite, ao menos, indicar se as possibilidades de forma de *storytelling* estão se expandindo contemporaneamente para os artistas negros.

---

## Metodologia

Como explicitado na introdução do artigo, a indústria televisiva vive atualmente uma fase de abundância de programação, com diversas opções de conteúdo e distribuidoras. Em 2017, por exemplo, foram lançadas 487 novas temporadas de séries nesse mercado (BIANCHINI, 2018). Diante da impossibilidade de abarcar toda esta produção neste artigo, foi necessário criar uma metodologia que nos permitisse mapear as principais séries criadas por pessoas negras na década corrente. Desta forma, elaboramos nossa metodologia utilizando as instâncias de consagração do meio como indicativo das séries que estariam se destacando.

Em um primeiro momento, recorremos a premiação *Emmy*, instância de consagração mais importante desta indústria (BIANCHINI, 2018). Por meio do buscador do site oficial da Academia de Televisão dos Estados Unidos<sup>4</sup>, mapeamos os indicados nas categorias melhor série de comédia, melhor série de drama e melhor minissérie, além das categorias relacionadas a roteiro e direção destes gêneros<sup>5</sup>, entre as premiações do ano 2010 a 2020. Estas categorias foram privilegiadas por indicarem uma valorização do trabalho por trás das câmeras.

A partir deste mapeamento de séries, buscamos identificar os criadores e criadoras destas obras, utilizando o auxílio do site de banco de dados IMDB e, quando necessário, de artigos na imprensa do entretenimento. Utilizando a heteroidentificação racial<sup>6</sup>, chegamos ao seguinte conjunto de obras criadas ou co-criadas por pessoas negras: *American Crime* (ABC, 2015-2017), *Atlanta* (FX, 2016-atual), *Black-ish*, *Insecure* (HBO, 2016-atual), *Pose* (FX, 2018-atual) e *When they see us*. Além da criação, identificamos também em que categoria essas obras estavam alocadas (comédia, drama ou minissérie), a distribuidora para a qual foram produzidas e a forma de distribuição (redes abertas, canais a cabo básicos ou *premium*, *streaming*).

Este resultado inicial, apenas seis obras ao longo de 11 anos de premiação, foi considerado limitado. É preciso considerar que a premiação reflete uma indústria que privilegia artistas brancos não só no investimento em produções, mas também no

---

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.emmys.com/awards/nominations/award-search>. Acesso: 06 out. 2020.

<sup>5</sup> Excluímos dos resultados o que identificamos como “filme feito para a TV”, pois nosso foco neste artigo é no fenômeno das narrativas seriadas.

<sup>6</sup> A heteroidentificação racial descreve a identificação racial de uma pessoa conforme percebida por outro – em oposição a autoidentificação. Neste caso, a identificação racial destes artistas foi feita pela autora da pesquisa, por questões práticas. Vale ressaltar, no entanto, que devido às diferenças históricas no entendimento de raça entre Estados Unidos – onde estes artistas estão localizados – e Brasil – onde a pesquisa foi realizada, é possível haver pontos de discordância.

reconhecimento destas. Avaliamos então que para atingir o objetivo do artigo, seria necessário recorrer a outras instâncias de consagração. Desta forma, expandimos a nossa metodologia para contemplar a premiação *NAACP Image Awards*. Esta premiação foi criada em 1967 para celebrar as realizações de artistas afro-americanos e de profissionais invisibilizados pela Hollywood *mainstream*, além de homenagear pessoas que trabalham para mudar as imagens dos afro-americanos em Hollywood. A premiação não se restringe a indústria televisiva, contando com categorias ligadas também ao cinema, à literatura e à música. Para os objetivos deste artigo, fizemos o mapeamento inicial das mesmas categorias que já havíamos mapeado nos *Emmy* (Melhor comédia, drama e minissérie, além das categorias de direção e roteiro de cada um destes formatos), novamente entre 2010 e 2020. Como o site não possui um buscador das edições anteriores, foi necessário recorrer a publicações da imprensa para este mapeamento<sup>7</sup>. Seguindo a mesma metodologia descrita acima, chegamos ao seguinte conjunto de obras criadas por pessoas negras: *American Crime*, *Are we there yet?* (TBS, 2010-2012), *Atlanta*, *Being Mary Jane* (BET, 2013-atual), *Black Lightning* (The CW, 2017-atual), *Black-ish*, *Dear White People*, *Empire* (FOX, 2015-atual), *Everybody hates chris* (UPN, 2005-2006; CW, 2006-2009), *Grey's Anatomy* (ABC, 2005-atual), *Grown-ish* (Freeform, 2018-atual), *House of Payne* (TBS, 2007-2012; BET, 2020), *Insecure*, *Key and Peele* (Comedy Central, 2012-2015), *Love that Girl!* (TV One, 2010-2014), *Luke Cage* (Netflix, 2016-2018), *Meet the Browns* (TBS, 2009-2011), *Mixed-ish* (ABC, 2019-atual), *Power* (Starz, 2014-2020), *Private Practice* (ABC, 2007-2013), *Queen Sugar* (OWN, 2016-atual), *Real Husbands of Hollywood* (BET, 2013-2016), *Reed between the lines* (BET, 2011-2015), *Scandal* (ABC, 2012-2018), *She's gotta have it* (Netflix, 2017-2019), *Shots Fired* (FOX, 2017), *Snowfall* (Showtime, 2017-atual), *The book of Negroes* (BET, 2015), *The boondocks* (Cartoon Network, 2005-2014), *The Carmichael Show* (NBC, 2015-2017), *The Chi* (Showtime, 2018-presente), *The Game* (The CW, 2006-2009; BET, 2011-2015), *Godfather of Harlem*

<sup>7</sup> Os sites estão disponíveis nos seguintes links: <https://variety.com/2020/film/news/naacp-image-awards-nominations-2020-1203461482/> ; <https://www.thewrap.com/naacp-image-awards-2019-the-complete-winners-listupdating/> ; <https://www.hollywoodreporter.com/lists/2018-naacp-image-award-winnerscomplete-list-1064208> ; <https://www.hollywoodreporter.com/lists/2017-naacp-image-award-winnerstelevise-966471> ; <https://variety.com/2016/film/awards/naacp-awards-winners-list-image-creedqueen-latifah-1201698809/> ; <https://www.hollywoodreporter.com/news/naacp-image-awards-2015-winners-771018> ; <https://www.hollywoodreporter.com/news/naacp-image-awards-nominationsannounced-669689> ; <https://www.hollywoodreporter.com/news/naacp-image-awards-winnersannounced-417553> ; <https://www.hollywoodreporter.com/race/naacp-image-awards-winners-nomineesthe-help-whitney-houston-292489> ; <https://losangeles.cbslocal.com/2011/03/03/tyler-perry-leads-in-naacp-imageaward-nominations-with-19/> ; <https://deadline.com/2010/01/41st-naacp-image-award-nominations-21412/> . Acesso em 05 out. 2020.

(EPIX, 2019-atual), *The Soul Man* (TvLand, 2012-2016), *Truth be told* (AppleTV, 2019-atual), *Underground* (WGN, 2016-2017) e *When they see us*.

É possível observar que todas as obras identificadas a partir da premiação *Emmy*, com exceção de *Pose*<sup>8</sup>, estão presentes também neste mapeamento. Combinando os dois resultados, chegamos a um total de 38 obras criadas ou co-criadas por pessoas negras ao longo de 11 anos de premiações, resultado que foi considerado mais representativo para os objetivos deste artigo. Na tabela abaixo (Tabela 1), é possível verificar os resultados encontrados.

Tabela 1: Tabela de séries criadas por pessoas negras em circulação entre 2010-2020.

Título	Criação	Distribuidora	Tipo de distribuição	Gênero
American Crime	John Ridley	ABC	Aberta	Minissérie
Are we there yet?	Ali LeRoi	TBS	Cabo básico	Comédia
Atlanta	Donald Glover	FX	Cabo básico	Comédia
Being Mary Jane	Mara Brock Akil	BET	Cabo básico	Drama
Black Lightning	Salim Akil	The CW	Aberta	Drama
Black-ish	Kenya Barris	ABC	Aberta	Comédia
Dear White People	Justin Simien	Netflix	<i>Streaming</i>	Comédia
Empire	Lee Daniel e outros <sup>9</sup>	Fox	Aberta	Drama
Everybody hates Chris	Ali LeRoi e Chris Rock	UPN/The CW	Aberta	Comédia
Godfather of Harlem	Paul Eckstein e outros	Epix	<i>Premium</i>	Drama
Grey's Anatomy	Shonda Rhymes	ABC	Aberta	Drama
Grown-ish	Kenya Barris e Larry Wilmore	Freeform	Cabo básico	Comédia
House of Payne	Tyler Perry	TBS/BET	Cabo básico	Comédia
Insecure	Issa Rae e Larry Wilmore	HBO	<i>Premium</i>	Comédia
Key and Peele	Keegan-Michael Key e Jordan Peele	Comedy Central	Cabo básico	Comédia

<sup>8</sup> A ausência de *Pose* na premiação NAACP Image Awards não passou despercebida, principalmente pelo sucesso comercial e crítico da série, que traz o maior elenco com pessoas transgênero da história desta indústria (STREET, 2019), muitas delas negras.

<sup>9</sup> Utilizamos “e outros” quando há co-criadores que não são negros.

Love that Girl!	Bentley Kyle Evans	TvOne	Cabo básico	Comédia
Luke Cage	Cheo Hodari Coker	Netflix	<i>Streaming</i>	Drama
Meet the Browns	Tyler Perry	TBS	Cabo básico	Comédia
Mixed-ish	Kenya Barris, Tracee Ellis Ross e Peter Saji	ABC	Aberta	Comédia
Pose	Steven Canals e outros	FX	Cabo básico	Drama
Power	Courtney A. Kemp	Starz	<i>Premium</i>	Drama
Private Practice	Shonda Rhymes	ABC	Aberta	Drama
Queen Sugar	Ava DuVernay	OWN	Cabo básico	Drama
Real Husband of Hollywood	Kevin Hart	BET	Cabo básico	Comédia
Reed between the lines	Kellie R. Griffin	BET	Cabo básico	Comédia
Scandal	Shonda Rhymes	ABC	Aberta	Drama
She's gotta have it	Spike Lee	Netflix	<i>Streaming</i>	Comédia
Shots Fired	Reggie Rock Bythewood e Gina Prince-Bythewood	Fox	Aberta	Minissérie
Snowfall	John Singleton e outros	Showtime	<i>Premium</i>	Drama
The book of Negroes	Clement Virgo	BET	Cabo básico	Minissérie
The boondocks	Aaron McGruder	Cartoon Network	Cabo básico	Comédia
The Carmichael Show	Jerrod Carmichael e Willie Hunter	NBC	Aberta	Comédia
The Chi	Lena Waithe	Showtime	<i>Premium</i>	Drama
The Game	Mara Brock Akil	The CW/BET	Aberta/Cabo básico	Comédia
The Soul Man	Cedric the Entertainer e outros	TvLand	Cabo básico	Comédia
Truth be told	Nichelle D. Tremble	AppleTV	<i>Streaming</i>	Drama
Underground	Misha Green e outros	WGN	Cabo básico	Drama



When they see us	Ava DuVernay	Netflix	<i>Streaming</i>	Minissérie
------------------	--------------	---------	------------------	------------

Fonte: *Elaboração da autora.*

A partir do mapeamento apresentado, discutiremos a seguir as implicações entre criações negras e a economia política da televisão e a tendência em relação aos gêneros narrativos.

## **Discussão dos Resultados**

As reconfigurações na indústria da televisão sempre influenciaram as estratégias de produção e programação. A estratégia de “programação menos questionável”, na qual os executivos de televisão buscavam as produções que agradariam a maior parte dos telespectadores, na tentativa de alcançar uma audiência massiva e heterogênea – embora direcionando-se preferencialmente a classe média branca –, prevalente na época em que a televisão americana contava apenas com três grandes emissoras e poucas opções para o espectador, deixa de ser dominante em um cenário de expansão das opções de canal e fragmentação da audiência, na qual o direcionamento para nichos passa a ser mais interessante (LOTZ, 2007; GRAY, 2005). Estas reconfigurações deslocam o tipo de programação viável, de um ponto de vista comercial.

O investimento em séries criadas, protagonizadas ou dirigidas a pessoas negras também é afetado por esses processos. Gray (2005) identifica um padrão de visibilidade/invisibilidade ao estudar a história da representação negra na televisão americana e a chegada de novas opções de distribuição é um fator importante nesse sentido. Jean Christian (2019) argumenta que na década de 2010, em um contexto extremamente competitivo de mercado, tanto redes tradicionais como plataformas de *streaming* renovaram seu interesse na diferença cultural, como forma de atrair a audiência e conquistar prêmios e repercussão crítica. O processo de recorrer a diversidade cultural como estratégia dependendo do contexto em que a indústria se encontra não é exclusivo da década de 2010 e já foi observado em outros momentos. Fuller (2010) argumenta que canais a cabo se utilizaram da representação negra como um significante de “qualidade” e “ousadia” para construir suas marcas e atrair tanto a audiência negra quanto a audiência branca, nos anos 1990 e início dos anos 2000. A autora entende este investimento na representação negra não como um ato de benevolência por parte das empresas, mas sim como parte de uma estratégia industrial, dentro de um sistema comercial. Ela observa ainda que com mudanças contextuais da indústria, as estratégias mudaram e essa



---

programação passou a ser menos interessante para estes canais, que começaram a associar qualidade com dramas históricos e ousadia com séries que retratam as neuroses da classe média branca.

Similarmente, entre os anos 1980 e 1990, novas redes abertas que chegavam àquele mercado – Fox em 1986, UPN e The WB, em 1995 – também investiam nas produções negras, como uma estratégia de contraprogramação, em relação as três grandes redes – ABC, CBS, NBC – já bem estabelecidas (BIANCHINI, 2018; GRAY, 2005; BRENT ZOOK, 1999; ACHAM, 2012; CUNNINGHAM, 2012). Segundo Brent Zook (1999), em 1993 a Fox estava transmitindo a maior fatia de séries produzidas por negros da história televisão e, em 1995, a população negra era 25% da audiência da emissora (na mesma época era cerca de 12% da população americana). A autora destaca o papel da Fox naquele momento, surgida em 1986 como a quarta rede aberta, após décadas de domínio da NBC, ABC e CBS no mercado:

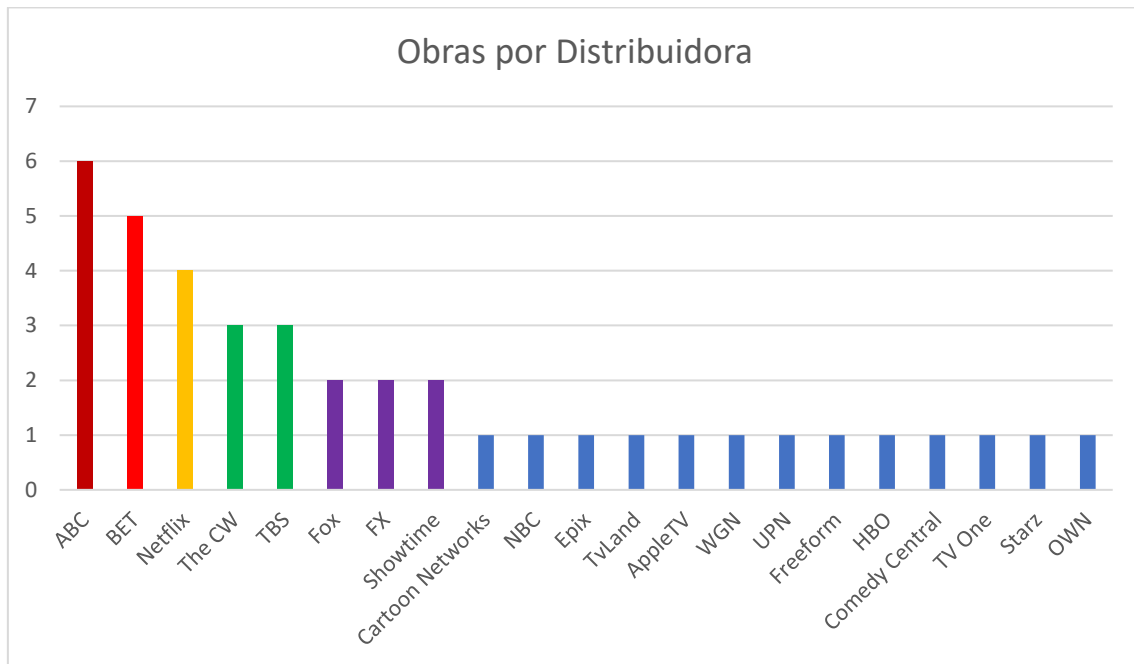
A emissora Fox foi única, naquele momento, porque inadvertidamente promoveu um espaço para a autoria negra na televisão. Isso foi feito para capitalizar em um mercado sub-representado, é claro. Mas o fato de que artistas como Keenen Ivory Wayans, Charles Button, Martin Lawrence, e Sinbad foram produtores executivos de seus próprios programas não foi pouca coisa (BRENT ZOOK, 1999, p. 4, tradução nossa<sup>10</sup>)

No entanto, corroborando o padrão de visibilidade/invisibilidade identificado por Gray (2005), o investimento nestas produções diminuiu na medida em que a emissora passou a buscar a legitimação de uma audiência branca *mainstream* (BRENT ZOOK, 1999).

---

<sup>10</sup> No original: “The Fox network was unique, then, in that it inadvertently fostered a space for black authorship in television. It did this to capitalize on an under represented market, of course. But the fact that entertainers such as Keenen Ivory Wayans, Charles Button, Martin Lawrence, and Sinbad were made executive producers of their own shows was no small feat” (BRENT ZOOK, 1999, p. 4)

Gráfico 2: Distribuição de obras por distribuidora.

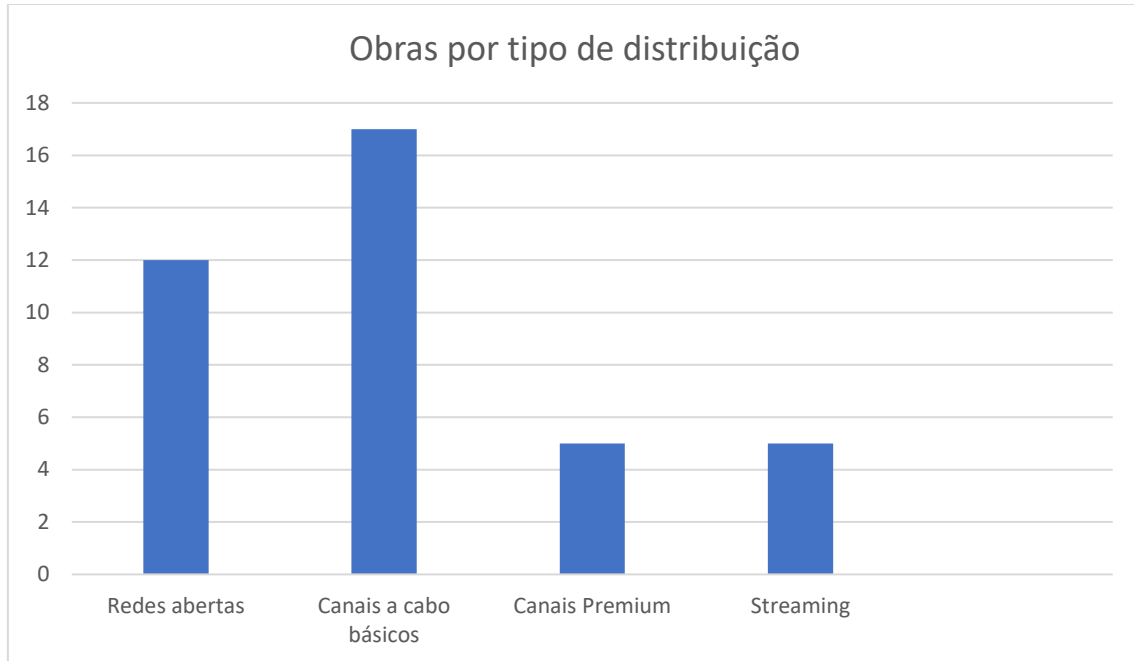


Fonte: Elaboração da autora.

Em nosso panorama, encontramos a maior porção de séries criadas ou co-criadas por pessoas negras em uma rede de *broadcast*, a ABC, seguida de um canal a cabo voltado declaradamente para a população negra, o BET (*Black Entertainment Television*), e de uma rede de *streaming*, a Netflix. O resultado da relação entre obras criadas por negros e o canal para o qual eles foram criados pode ser observada no Gráfico 1<sup>11</sup>. Uma possível razão para o destaque da ABC é a parceria de longa data com a criadora Shonda Rhymes, responsável por metade dos títulos identificados nessa emissora. A presença da BET entre as que mais produzem obras de criadores negros já era esperada, devido a seu público alvo. Já a Netflix vem investindo na diversidade como parte de sua construção de marca (BIANCHINI; CAMIRIM, 2019; JENNER, 2018), o que também não torna surpreendente sua posição no gráfico, embora este número não seja impressionante quando comparado à quantidade de obras seriadas que a plataforma de *streaming* vem lançando nos últimos anos. Mais importante do que o olhar para a distribuidora em si, tendo em vista a discussão acima, é observar a forma de distribuição.

<sup>11</sup> A soma total é maior que o número de obras encontradas (38), pois algumas obras tiveram mais de uma distribuidora original, a depender da temporada.

Gráfico 2: Distribuição de obras por forma de distribuição.

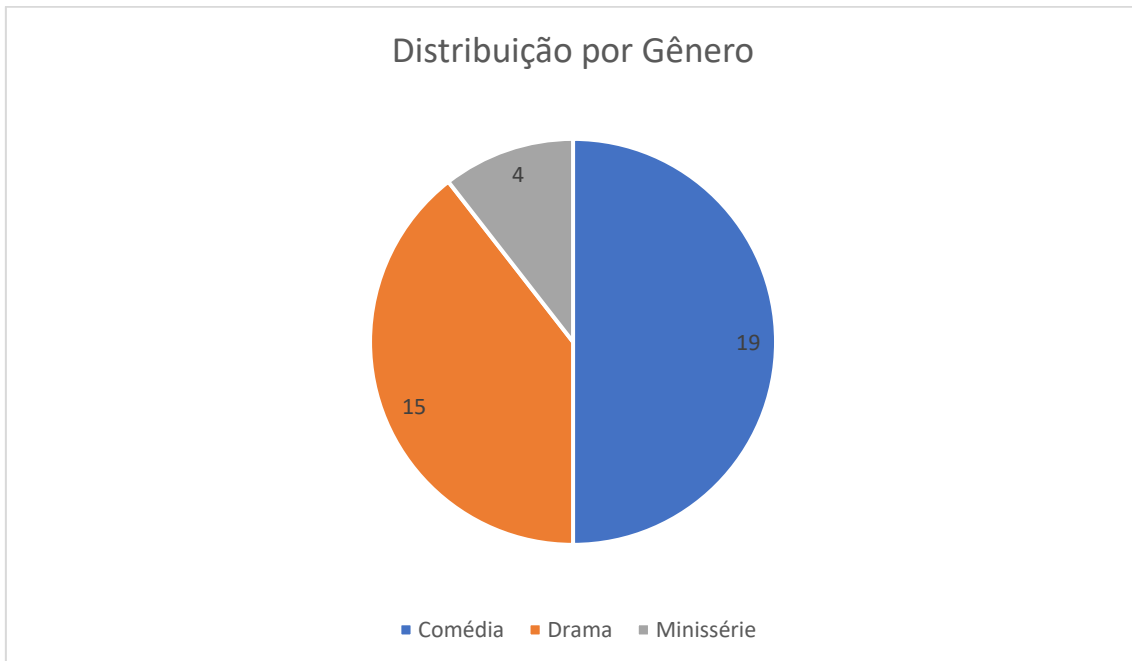


Fonte: Elaboração da autora.

Quando consideramos a relação das narrativas seriadas de criação negra com o tipo de distribuição (Gráfico 2<sup>12</sup>), encontramos que a maior parte destas obras estão sendo criadas pelos canais a cabo de pacote básico. É preciso considerar alguns fatores que podem ter influenciado este resultado: nosso recorte temporal abarca anos em que as plataformas de *streaming* ainda não haviam entrado no campo de produções próprias e a quantidade de canais a cabo básicos é muito maior do que a de redes abertas, canais *premium* e plataformas de *streaming*. Ainda assim, o baixo número de séries criadas por pessoas negras em plataforma de *streaming* indica que sua recente entrada no campo de produção e um possível apetite pela diferença cultural – como proposto por Jean-Christian (2019) e que poderia ser esperado pelo padrão de visibilidade/invisibilidade envolvendo os novos atores que reconfiguram o campo de produção televisiva – até o momento não representam uma ampliação de oportunidades para os criadores negros. Por outro lado, a quantidade destas obras nas redes abertas – segunda forma de distribuição que mais investe em obras de criadores negros – indica o potencial de sucesso destas para um público amplo e heterogêneo.

<sup>12</sup> Da mesma forma, a soma total é maior que o número de obras encontradas (38), pois algumas obras tiveram mais de uma distribuidora original, a depender da temporada, que não necessariamente utilizavam o mesmo meio de distribuição.

Gráfico 3: Distribuição de obras por gênero.



Fonte: Elaboração da autora.

Em relação a distribuição por gênero, é preciso considerar as limitações de nossa metodologia. Optamos pela classificação de gênero igual a utilizada nas premiações que serviram de base para nossa metodologia: comédia, drama e minissérie. Devido ao volume de obras, não foi possível determinar as nuances de como cada uma configura o gênero em sua narrativa e estética. Sabemos, por exemplo, que dentro da categoria comédia há obras mais próximas das convenções da sitcom clássica, como *House of Payne*, e obras que se afastam dessas convenções, como *Atlanta*. Do mesmo modo, sabemos que, nos dramas, há séries de super-heróis, como *Luke Cage*, séries de local de trabalho, como *Grey's Anatomy*, dramas históricos, como *Underground*, dentre outras classificações possíveis. Ainda assim, consideramos que a variável gênero é interessante para o panorama apresentado, uma vez que nos permitiu ao menos constatar que os criadores negros não parecem estar confinados a apenas uma forma de narrativa. Como o Gráfico 3 mostra, a quantidade de comédias (19) foi apenas um pouco superior a quantidade de dramas (15). Se considerarmos que as quatro minisséries identificadas dialogam mais com o gênero do drama do que com o da comédia, podemos admitir que não parece haver, no período analisado, uma delimitação de gênero nas obras de criadores negros.

## Considerações Finais

A proposta deste artigo foi mapear a produção contemporânea de séries criadas por negros e negras nos Estados Unidos, apresentando assim um panorama que levava em consideração também para onde estas obras estavam sendo produzidas e em que gênero narrativo elas se inscreviam. Em um contexto de *peak TV*, no qual dificilmente conseguiríamos ter acesso a todas as séries produzidas por essa indústria, elaboramos uma metodologia na qual as premiações *Emmy* e *NAACP Image Awards* serviram de base para catalogar estas obras.

Conseguimos identificar 38 séries criadas ou co-criadas por pessoas negras, sendo a maioria delas produzidas para canais a cabo básicos e, em seguida, para redes abertas de *broadcasting*. Estes resultados contrariaram nossa expectativa de que as plataformas de *streaming*, devido a sua recente entrada no campo, poderiam estar investindo mais em criadores negros, como uma forma de se diferenciar, do mesmo modo que aconteceu em outros momentos de reconfiguração da indústria. Por outro lado, é interessante observar o papel das redes de *broadcast* nesta produção, sendo a ABC, uma rede tradicional em operação desde o princípio da televisão americana, a que mais veiculou séries criadas por negros no período analisado. Isto indica o potencial destas séries de atingir um público heterogêneo e inclusive de serem feitas em um modelo de financiamento baseado em anunciantes. Em relação ao gênero, percebemos que estas séries se encontram igualmente divididas entre comédia e drama (contando com as minisséries), o que indica que não está havendo o confinamento dos criadores negros em apenas um gênero.

Acreditamos que este artigo possa contribuir para destacar estes títulos no campo de estudos televisivos brasileiros que, como observado, começa a ter uma parcela de suas produções pensando as séries de matriz norte-americana. Além disso, a metodologia utilizada também é uma contribuição para o campo, uma vez que a abundância de produções muitas vezes se apresenta como um desafio aos pesquisadores interessados em analisar essa indústria em uma perspectiva mais ampla. Ressaltamos, no entanto, que a criação de uma série por uma pessoa negra não implica necessariamente em discursos contra-hegemônicos e, por isso, os resultados aqui podem ser ampliados e complexificados em trabalhos futuros que analisem estas obras individualmente.

## REFERÊNCIAS

ACHAM, Christine. Blacks in the future: Braving the frontier of the Web Series. In: SMITH-SHOMADE, Beretta (edt). **Watching while black: Centering the television of Black Audiences**. New Brunswick, New Jersey e London: Rutgers University Press, 2012.

ANDREEVA, Neelie. Blackout Tuesday: ABC to rerun ‘Black-ish’ episode about police brutality amid George Floyd protests. **Deadline**, Los Angeles, 2 jun. 2020. Disponível em <<https://deadline.com/2020/06/blackout-tuesday-abc-rerun-black-ish-hope-episode-police-brutality-george-floyd-protests-juneteenth-abc-kenya-barris-1202949568/>> Acesso em: 06 out. 2020.

BIANCHINI, Maíra. **A Netflix no Campo de Produção de Séries Televisivas e a Construção Narrativa de Arrested Development**. 2018. 219f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

BIANCHINI, Maíra; CAMIRIM, Bárbara. Mais histórias, mais vozes: Netflix e a promessa de diversidade na tela. **ALAIC – Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 17, n. 31, pp. 156-166, 2019.

BRENT ZOOK, Kristal. **Color by Fox: The FOX Network and the Revolution in Black Television**. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

CUNNINGHAM, Mark. Nigger, Coon, Boy, Punk, Homo, Faggot, Black Man: Reconsidering Established Interpretations of Masculinity, Race and Sexuality Through *Noah’s Arc*. In: SMITH-SHOMADE, Beretta (edt). **Watching while black: Centering the television of Black Audiences**. New Brunswick, New Jersey e London: Rutgers University Press, 2012.

EVANGELISTA, Raquel. **Pesquisa em Ficção Seriada: uma proposta de revisão epistemológica baseada nas publicações da Intercom**. In: Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Joinville, SC, 2018.

FULLER, Jennifer. Branding Blackness on US cable television. **Media, Culture and Society**, v. 32, n. 2, p. 285-305, 2010.

GRAY, Herman. **Cultural moves: African Americans and the politics of representation**. Califórnia e Londres: University of California Press, 2005.

---

HERSKO, Tyler. 'Dear White People', 'When they see us' seeing large viewership increases. **IndieWire**, 4 jun. 2020. Disponível em <<https://www.indiewire.com/2020/06/dear-white-people-when-they-see-us-viewership-increases-1202235548/>> Acesso em: 06 out. 2020.

hooks, bell **Olhares Negros: raça e representação**. São Paulo: Editora Elefante, [1992] 2019.

HUNT, D. **Race in the Writer's Room: How Hollywood whitewashes the stories that shape America**, Relatório encomendado pela Colors of Change Hollywood, 2017.

JEAN CHRISTIAN, Aymar. Beyond Branding: The value of intersectionality on streaming TV channels. **Television and New Media**, *online first*, 2019.

JENNER, Mareike. **Netflix and the Re-invention of Television**. Palgrave Macmillan, 2018

LOTZ, Amanda. **The television will be revolutionized**. New York and London: New York University Press, 2007.

SHARF, Zack. Netflix creates Black Lives Matter category with over 40 titles: 'Black Storytelling Matters'. **IndieWire**, 10 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.indiewire.com/2020/06/netflix-black-lives-matter-page-black-storytellers-1202236558/>> Acesso em: 06 out. 2020.

SILVA, Marcel. Cultura das Séries: forma, contexto e consumo de ficção seriada na contemporaneidade, **Galaxia**, 2014, n. 27, 241-252.

STREET, Mikelle. 'Pose' was a glaring omission from the NAACP Image Awards. **Out Magazine**, Los Angeles, 15 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.out.com/entertainment/2019/2/15/pose-was-glaring-omission-naacp-image-awards>> Acesso em: 09 out. 2020.